

Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro 2019

Coordenação do Estudo:
Maria José Magalhães

Equipa de Investigação:
Alexandra Rodrigues
Ana Beires
Ana Guerreiro
Ana Margarida Teixeira
Ana Teresa Dias
Andreia Nunes
Camila Iglesias
Carina Teixeira
Cassia Gouveia
Cátia Pontedeira
Joana Cordeiro
Joana Martins
Micaela Silva
Patrícia Ribeiro
Tatiana Mendes
Valentina Ferreira
Vilma Martelo

Índice

1. Apresentação	Erro! Marcador não definido.
2. Caracterização do estudo e da amostra	Erro! Marcador não definido.
3. Legitimação – aceitação de atos de violência	6
3.1. Controlo	7
3.2. Perseguição	8
3.3. Violência Sexual	8
3.4. Violência nas Redes Sociais	8
3.5. Violência Psicológica	9
3.6. Violência Física	9
4. Indicadores de Vitimação	10
4.1. Violência Psicológica	10
4.2. Perseguição	11
4.3. Violência nas Redes Sociais	11
4.4. Controlo	11
4.5. Violência Sexual	12
4.6. Violência Física	12
5. Estudo comparativo com 2018	13
5.1. Violência Psicológica	14
5.2. Perseguição	14
5.3. Violência através das redes sociais	15
5.4. Controlo	15
5.5. Violência Sexual	15
5.6. Violência Física	15
6. Conclusões e Recomendações	16

1. Apresentação

A UMAR - *União de Mulheres Alternativa e Resposta*, é uma organização feminista que, desde 1976, luta pelos direitos das mulheres. Enquanto organização não governamental sem fins lucrativos e que tem, como filosofia de intervenção, a defesa e promoção dos Direitos das Mulheres e da Igualdade de Género, é membro do Conselho Consultivo da CIG – *Comissão para a Cidadania Igualdade de Género*, e tem contribuído para os Planos Nacionais para a Igualdade de Género, Cidadania e Não-Discriminação, contra a Violência Doméstica e de Género e contra o Tráfico de Seres Humanos.

Uma das áreas prioritárias da UMAR é a prevenção primária junto de crianças e jovens, intervenção que tem vindo a ser realizada desde há 15 anos. O grupo de trabalho “Género e Educação” constitui uma área especializada na UMAR e pretende, em especial, promover uma cultura de igualdade e acabar com a violência baseada no género e noutros preconceitos discriminatórios, como a homofobia, o racismo e a misoginia, bem como alterar a cultura patriarcal em que estes comportamentos se baseiam.

Inserido nesta área de trabalho está o projeto ART'THEMIS+ Jovens Protagonistas na Prevenção e na Igualdade de Género, financiado pela Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade. O projeto ART'THEMIS+ desenvolve uma intervenção continuada ao longo do ano lectivo junto de escolas de vários distritos em Portugal Continental (Porto, Braga, Coimbra, Lisboa) e na Madeira, promovendo a Educação para os Direitos Humanos e Igualdade de Género. Paralelamente a esta atividade, é também desenvolvida investigação integrada no Observatório Adolescência e Violências, ressaltando este Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro, realizado anualmente e cujos resultados que aqui se apresentam reforçam a necessidade de uma intervenção continuada, profunda e abrangente em termos do território nacional.

Este estudo não teria sido possível sem a imprescindível participação de associadas e colaboradoras umaristas de norte a sul do país, incluindo a região autónoma da Madeira, e sem o apoio da Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Professora Doutora Rosa Monteiro.

Companheiras umaristas que colaboraram na recolha de dados:
Adriana Gomes, Ana Carolina Ferraz dos Santos, Beatriz Santana Cristina Bandeira, Maria Eugénia Fernandes Taveira; Maria José Martins Ramos, Maria José Raposo, dos Núcleos do Algarve, Açores, Coimbra e Viseu.

2. Caracterização do estudo e da amostra

Este Estudo, que é marcadamente quantitativo, foi desenvolvido com recurso à aplicação de um questionário sobre a violência no namoro aprovado pelo Ministério da Educação e pela Comissão Nacional de Proteção de Dados. O questionário foi construído de forma apropriada aos/às participantes e, portanto, tem uma linguagem simples e é de preenchimento rápido. Todas as questões são fechadas e são agrupadas em duas dimensões:

- 1) a legitimação da violência no namoro pelos/as jovens;
- 2) a prevalência de indicadores de vitimação nas relações de namoro

Em nenhum momento do questionário a palavra vítima está expressa. Importa referir que este questionário, por ser quantitativo, não é possível contextualizar as situações de violência no namoro, e compreender, por exemplo se algumas delas poderão ser de violência reativa. De todo o modo, este questionário é fundamental para que melhor se compreendam as perceções dos/as jovens sobre a violência no namoro a nível nacional e para que sejam desenvolvidas estratégias políticas adequadas a esta realidade.

Sendo um questionário de preenchimento anónimo e individual, este estudo recorre ao autorrelato para obter os seus dados. Isto significa que não é possível afirmar com exatidão que “x%” de jovens em Portugal são vítimas de violência no namoro. Estas questões dão-nos apenas indicadores de vitimação que são reportados. Todos/as os/as jovens que não se identifiquem como tendo vivenciado determinada forma de violência, ou seja, não a reconheçam como violência, não estarão aqui incluídos/as.

Este é já o 3º ano consecutivo que a UMAR desenvolve este Estudo Nacional. No último ponto deste relatório, está a comparação dos dados deste ano com os resultados de 2018.

O Estudo Nacional sobre Violência no Namoro de 2019 é um estudo representativo, inclui a participação de 4938 jovens de todos os Distritos do País (Portugal continental e arquipélagos dos Açores e Madeira).

A distribuição dos questionários aos/às jovens foi conseguida através da participação de escolas que foram selecionadas aleatoriamente e aceitaram participar neste estudo. Após obterem o devido consentimento informado dos/as Encarregados/as de Educação para esta participação, também os/as jovens foram questionados/as quanto à sua motivação para a participação no questionário. Encontrando-se reunidas as condições para

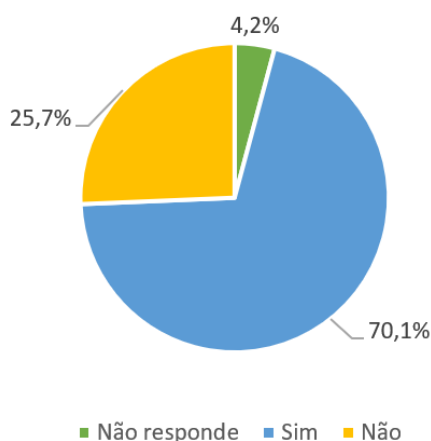
a participação, os questionários foram distribuídos e recolhidos por técnicas e voluntárias da UMAR.

As idades dos/as participantes estão compreendidas entre os 11 e os 20 anos, com uma média de idade de 15 anos. Participaram no estudo 2644 raparigas (54% do total), 2242 rapazes (45%), sendo que 52 jovens (1%) não responderam à questão relativa ao sexo.

Composição da amostra	
Amostra total	4938
Raparigas	2644
Rapazes	2242

Do total de participantes inquiridos/as, 3464 (70%) afirmaram estar ou já terem estado num relacionamento amoroso, de namoro ou ocasional, tal como representado no gráfico abaixo.

Já tiveste algum relacionamento amoroso, de namoro ou ocasional?



Relativamente à questão apresentada no gráfico, importa reiterar que se pretendem analisar os relacionamentos íntimos, mais ou menos duradouros; com maior ou menor duração; passados e atuais. Esta mesma afirmação foi também esclarecida com os/as jovens.

3. Legitimação – aceitação de atos de violência

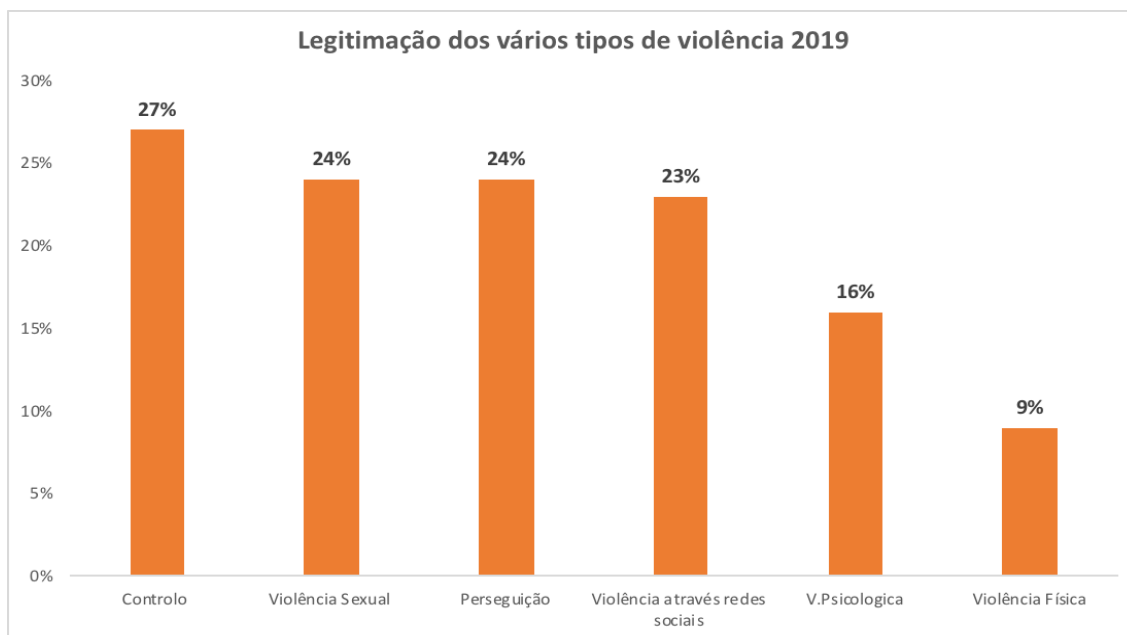
Neste ponto apresentam-se os resultados das conceções dos/as jovens sobre o que consideram ou não violência e, conseqüentemente, se legitimam ou não determinados comportamentos.

Para a análise da legitimação, foram considerados os resultados de todos/as os/as participantes (que tenham tido ou não relações de namoro anteriores). Assim, neste tópico serão analisadas as respostas de todos/as os/as inquiridos/as, o que corresponde a um total de 4938 jovens. Para todas as formas de violência, primeiramente apresentar-se-ão os dados gerais com base no total da amostra, em segundo lugar uma comparação da legitimação relativamente ao total de raparigas e ao total de rapazes e, finalmente, em terceiro lugar, será mencionada a situação que mais se legitimou.

Foi possível apurar que **67% do total dos/as jovens legitimam pelo menos um comportamento de violência** de entre os comportamentos questionados. Saliente-se, também, a diferença existente na legitimação de comportamentos violentos entre jovens que já tiveram relações de namoro e reportam algum dos indicadores de violência nestes relacionamentos, quando comparados com jovens que, pelo menos neste questionário, não identificaram experiências pessoais de vitimação. Na tabela abaixo estão ilustradas estas diferenças, sendo que há **uma maior legitimação da violência por parte dos/as jovens que reportaram algum indicador de vitimação**. Estes resultados poderão ter implicações concretas na vida destas/es jovens que, tendo sofrido atos de violência no namoro, não reconhecem a violência no namoro, e portanto não creem precisar de ajuda especializada e as situações continuam a não ser detetadas nem denunciadas.

Legitimação da violência no namoro	
Legitimação de pelo menos 1 das formas de violência pelo total da amostra	67%
Legitimação de pelo menos 1 das formas de violência dos/as jovens que relataram um dos indicadores de violência no namoro	75%
Legitimação de pelo menos 1 das formas de violência dos/as jovens que não relataram nenhum dos indicadores de violência no namoro	57%

No que aos diferentes tipos de legitimação diz respeito, o tipo de violência mais legitimado é o controlo (27%), seguido da perseguição (24%), da violência sexual (24%), da violência através das redes sociais (23%), violência psicológica (16%) e, finalmente, a violência física (9%) conforme se pode observar no gráfico abaixo.



Destaque-se que, em todos os comportamentos avaliados, os rapazes legitimam mais a violência do que as raparigas. Em algumas situações, que serão detalhadas mais à frente neste relatório, a legitimação da violência chega a atingir o quádruplo entre os rapazes.

Nos parágrafos seguintes descreve-se com mais pormenor os dados relativos à legitimação destas estas formas de violência, também por ordem decrescente.

3.1. Controlo

O controlo, quando presente numa relação de namoro, pode revelar-se em comportamentos como: proibições de sair sem o/a companheiro/a; de estar ou falar com um/a amigo/a; proibir de vestir determinada peça de roupa; obrigar o/a companheiro/a a fazer algo que não quer, entre outros. Estes comportamentos não são reconhecidos como violência por **27%** do total da amostra (sendo **36%** de rapazes e **19%** do total de raparigas). Portanto, a diferença entre rapazes e raparigas, no que à legitimação destes comportamentos de controlo diz respeito, é de **17%**.

De entre as situações de controlo analisadas, a mais aceite pelos/as jovens é a proibição de vestir uma determinada peça de roupa, comportamento que **36%** dos/as jovens não considera violência (sendo **47%** dos rapazes e **26%** das raparigas no total).

É também de referir que “a obrigação do/a companheiro/a a fazer algo que não quer”, é o comportamento em que existe uma maior discrepância na sua legitimação por parte de rapazes (**22%**) e raparigas (**7%**).

3.2. Perseguição

A perseguição, durante ou após um relacionamento íntimo, constitui uma forma de violência legitimada por jovens **24%** dos/as jovens, sendo que, no caso dos rapazes, essa percentagem corresponde a **33%** e, nas raparigas, a **17%**. A cultura patriarcal poderá estar na base destes tipos de comportamentos, considerando-os demonstrações do “amor romântico”.

3.3. Violência Sexual

A violência sexual nas relações de intimidade apresenta-se, geralmente, sob a forma de coação, abuso ou violação. Estudos evidenciam que é uma forma violência pouco reconhecida e denunciada, principalmente nas relações de intimidade. No caso do presente Estudo Nacional, foi possível concluir que **24%** da amostra legitima a violência sexual nas relações de namoro, sendo que no caso das raparigas essa percentagem é de **15%** e de **34%** nos rapazes.

Especificamente no que diz respeito à pressão para ter relações sexuais, **13%** dos/das respondentes legitima esta situação, sendo que aqui é onde se verifica a maior discrepância entre sexos. Enquanto que **5%** das jovens raparigas não identifica este comportamento como violência, no caso dos rapazes a percentagem sobe para os **21%** (**mais do quádruplo**).

3.4. Violência nas Redes Sociais

Os resultados indicam que **23%** dos/as jovens não considera as situações de violência através das redes sociais como violência no namoro, portanto naturalizando, estes comportamentos. Do total de raparigas, **18%** legitima esta forma de violência,

enquanto que nos rapazes a percentagem é de **29%**.

Sobre a partilha sem autorização de mensagens ou fotos (*sexting* não consentido, i.e., partilha de conteúdos íntimos sem autorização), verifica-se que **14%** dos/as jovens (**21%** de rapazes e **8%** de raparigas) não considera estes comportamentos como violência, o que mostra uma grande vulnerabilidade à violência online e a uma possível exposição à pornografia de vingança.

O acesso a redes sociais, por parte do/a companheiro/a, sem autorização, é também considerado um comportamento normal por **37%** dos/as jovens. Aqui existe também uma diferença entre rapazes e raparigas, já que temos **32%** das raparigas a legitimar este comportamento e **43%** dos rapazes com a mesma opinião.

3.5. Violência Psicológica

Do total da amostra, foi possível concluir que **16%** dos e das jovens não reconhecem a violência psicológica como forma de violência na intimidade. Ao comparar as respostas de raparigas e rapazes, verifica-se uma diferença na legitimação destes atos, sendo que, de uma forma geral, os rapazes legitimam mais a violência psicológica do que as raparigas (uma diferença de **22%** para **11%**).

Mais especificamente, insultar o/a companheiro/a durante uma discussão ou zanga não é considerado violência por **27%** dos/as jovens, sendo legitimada por **20%** das raparigas e por **34%** dos rapazes.

As ameaças são legitimadas por **9%** dos jovens, sendo **14%** dos rapazes e **5%** das raparigas, pelo que podemos constatar que o dobro dos rapazes, em comparação com as raparigas, legitima este comportamento.

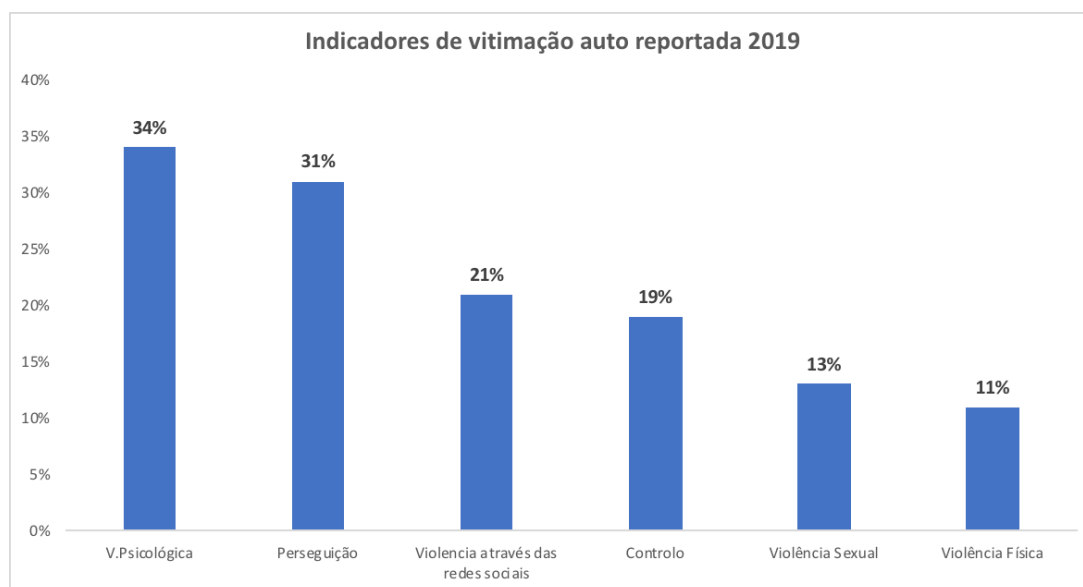
3.6. Violência Física

A violência física inclui várias formas de agressão corporal que pode ou não deixar marcas ou feridas. Neste estudo, **9%** dos/as jovens participantes naturaliza comportamentos desta forma de violência, particularmente se da violência não resultarem feridas ou marcas visíveis no corpo da vítima. Este é também um comportamento mais legitimado por rapazes (**10%**) do que por raparigas (**4%**).

4. Indicadores de Vitimação

Neste ponto, apresentam-se os dados relativos às respostas dos/as jovens sobre situações de violência na intimidade que reportaram ter vivenciado. Como já foi referido, apenas foram analisados os dados dos/as jovens que responderam que tinham ou já tinham tido alguma relação de namoro, o que corresponde a uma percentagem de **70%** (3464 jovens). Verificou-se que **58% dos/as jovens reportou ter vivenciado pelo menos de uma das formas de violência enunciadas neste questionário.**

Relativamente aos vários indicadores de violência no namoro estudados, verifica-se que, da totalidade dos/as jovens, **34%** reporta ter vivenciado situações de violência psicológica, **31%** perseguições, **21%** violência através das redes sociais, **19%** de situações de controlo, **13%** violência sexual e **11%** violência física por parte de um/a companheiro/a.



Nas secções seguintes, descrevem-se os resultados dos vários tipos de violência estudados por ordem decrescente de prevalência, ou seja, da violência mais prevalente para a menos prevalente.

4.1. Violência Psicológica

No total, **34%** dos/as jovens reporta algum dos indicadores de violência psicológica. Os insultos são os atos de violência com maior prevalência (**53%**), seguido de humilhar e rebaixar a vítima (**29%**) e de ameaças (**20%**).

Em todos os atos de violência psicológica, observa-se uma maior prevalência de vitimação nas raparigas comparativamente aos rapazes. A maior diferença é relativa ao humilhar e rebaixar, em que **36%** das raparigas reportam ter vivenciado estes atos enquanto que a percentagem de rapazes é de **20%**.

4.2. Perseguição

A perseguição é o segundo tipo de violência reportada mais comum entre os/as jovens. Do total de jovens que reportou já ter sofrido alguma forma de vitimação, **31%** reportou ter vivenciado este tipo de violência. Nesta questão as raparigas apresentam uma prevalência ligeiramente mais alta (**33%**), em relação aos rapazes (**29%**).

4.3. Violência nas Redes Sociais

Os resultados obtidos sobre a vitimação através das redes sociais revelam que **21%** dos/as inquiridos/as reportaram esta forma de violência. Na violência através das redes sociais, o comportamento mais frequente é entrar no Facebook ou outra rede social, sem autorização do/a outro/a (**36%**), sem diferenças significativas quanto ao sexo.

Foram também colocadas questões sobre a partilha *online* de conteúdos íntimos sem autorização, e **5%** dos/as jovens (também sem diferenças significativas quanto ao sexo) afirma ter sofrido esta forma de violência). Atendendo a que se trata de uma população muito jovem e que estará a iniciar a sua vida íntima e sexual, estes dados merecem uma cuidada reflexão.

Estes comportamentos abusivos online são inquietantes na medida em que facilmente podem tornar-se públicos e, eventualmente, virais. Por esse motivo, esta forma de violência têm um potencial de dano muito alto a que devemos estar atentos/as.

4.4. Controlo

No que diz respeito ao controlo, os resultados mostram que **19%** dos/as jovens revela já ter sido vítima destes comportamentos na intimidade. Quando esta questão é discriminada por sexo, é possível concluir que há uma maior prevalência nas raparigas (**23%**), do que nos rapazes (**15%**).

Das várias questões específicas sobre o controlo nas relações de intimidade, a mais prevalente foi a proibição imposta à vítima de estar ou falar com amigos/as por parte do/a companheiro/a (**37%**), sendo que foi reportada por **39%** das raparigas e por **34%** dos rapazes.

4.5. Violência Sexual

A prevalência média de violência sexual é de **13%**, que tendo em consideração a idade média de 15 anos dos/as participantes, faz com que este dado mereça especial atenção. Do total de raparigas, **14%** reporta ter experienciado alguma destas situações, enquanto que nos rapazes esta percentagem é de **11%**.

O comportamento mais habitual nesta forma de violência é o pressionar a vítima para beijar o/a companheiro/a à frente de outras pessoas (**16%**), sem diferenças significativas entre rapazes e raparigas. É de realçar ainda que **9%** dos/as jovens referem já terem sido pressionadas/os para ter relações sexuais, por parte do/a companheiro/a, sendo 11% de raparigas e 6% dos rapazes.

4.6. Violência Física

No que diz respeito aos indicadores da violência física, **11%** dos/as jovens refere já já ter experienciado algum destes comportamentos. Em relação à violência que deixa marcas, a percentagem situa-se nos **8%**; já quanto aos comportamentos violentos sem deixar marcas, esta percentagem situa-se nos **14%**.

5. Estudo comparativo com 2018

Neste tópico, apresenta-se uma análise comparativa entre os dados dos Estudos Nacionais de Violência no Namoro dos anos de 2018 e 2019. Abaixo descrevem-se as comparações relativas às situações vividas que podem configurar indicadores de vitimação, bem como à aceitação de atos de violência por parte dos/as jovens.

No que às experiências que possam indicar vitimação diz respeito, e tal como se pode comprovar pelo gráfico da página seguinte, verifica-se que existe um aumento em todos os tipos de violência, e este dado merece uma reflexão cuidada.

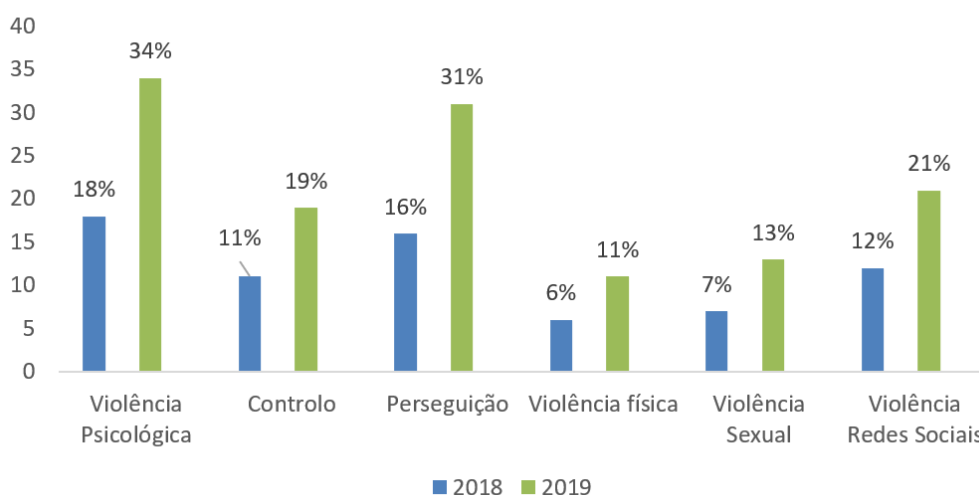
A subida nos números dos indicadores de vitimação reportada pelos/as jovens pode sugerir:

I) que os/as jovens podem estar mais consciencializados/as quanto a estas formas de violência, sendo capazes de as identificar com mais clareza e, portanto, reconhecem e reportam com mais facilidade;

II) um aumento real na vitimação, o que, por sua vez, implica referir a necessidade de que a prevenção primária seja ampliada em todas as escolas do país, de maneira a que o combate à violência no namoro seja ainda mais consistente e abrangente.

Desta forma os indicadores de vitimação reportada pelos/as jovens são um alerta de que boas práticas ao nível da prevenção precisam ser mantidas e intensificadas, e de que o trabalho realizado neste sentido deve ser continuado e a sua abrangência ampliada a todo território nacional, com o objetivo de erradicação da violência e promoção dos Direitos Humanos.

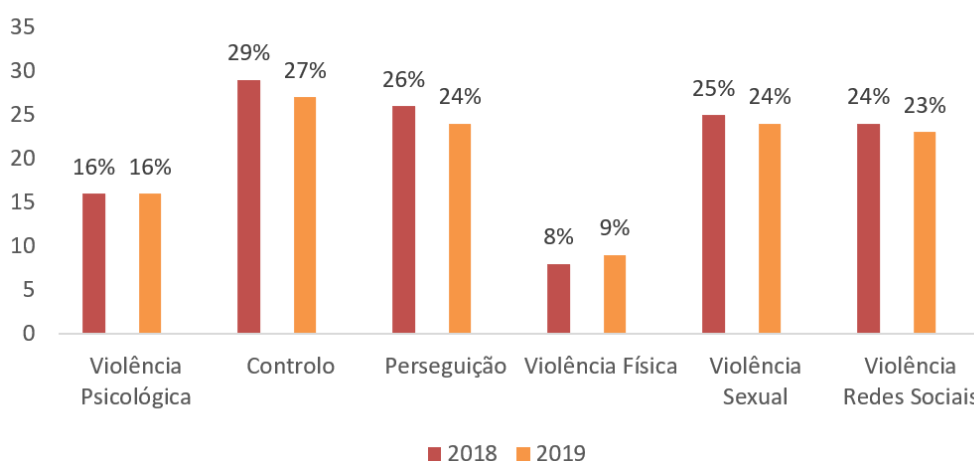
Indicadores de vitimação: comparação 2018-2019



Quanto à comparação dos dados relativos à legitimação, com a exceção da violência psicológica e da violência física, todos os restantes indicadores apresentaram uma ligeira redução entre os anos de 2018 e 2019. Esta redução poderá dever-se a um crescente investimento ao nível da sensibilização, consciencialização e conscientização para o que é a violência de género, e mais concretamente a violência no namoro.

Para ilustração destes resultados, o gráfico abaixo resume todos os dados relativos a 2018 e 2019.

Indicadores de legitimação: comparação 2018-2019



De seguida apresenta-se uma síntese descritiva de comparação para cada uma das formas de violência, em que se incluem dados da vitimação e da legitimação.

5.1. Violência Psicológica

Comparando com os resultados de 2018 sobre a legitimação da violência psicológica, verificamos que, em 2019, não se verificam alterações (**16%**). Relativamente aos indicadores de vitimação, os resultados de 2018 indicavam **18%**, enquanto em 2019 apresentam uma prevalência de **34%**.

5.2. Perseguição

Comparativamente a 2018, a perseguição teve, em 2019, um aumento da prevalência (**16%** para **31%**). Relativamente à legitimação, esta diminuiu entre estes dois anos (de **26%** para **24%**). No entanto, estas alterações, em termos estatísticos, são muito pouco significativas.

5.3. Violência através das redes sociais

Em termos comparativos, neste ponto, temos que a vitimação aumentou **9%** (de **12%** para **21%**) e a legitimação desta forma de violência manteve-se semelhante diminuindo apenas **1%** (dos **24%** para **23%**).

5.4. Controlo

Comparando com os dados do estudo da UMAR do ano anterior, verifica-se que, em 2018, a legitimação do controlo diminuiu ligeiramente (de **29%** para **27%**). No que diz respeito às proibições de vestir determinada peça de roupa, observa-se uma ligeira diminuição na legitimação deste comportamento, do ano passado para este ano (de **40%** para **36%**).

5.5. Violência Sexual

Em relação à legitimação da violência sexual, comparativamente a 2018 (**25%**), este ano os resultados apontam para **24%**, mantendo-se uma maior legitimação desta violência por parte dos jovens do sexo masculino (**34%** em 2018 e **36%** em 2019) comparativamente ao sexo feminino (**16%** em 2018 e **15%** em 2019).

Já na vitimação, os resultados apontam para uma maior prevalência este ano - **13%** - em comparação com o ano anterior, que se situou nos **7%**. Em concreto, este aumento deve-se a uma maior percentagem de jovens que, em 2019, referem ser vítimas de pressões para terem relações sexuais com o/a parceiro/a (**5%** em 2018 e **9%** em 2019).

5.6. Violência Física

Na violência física, a vitimação subiu de **6%** para **11%**. Relativamente à legitimação, observa-se também um aumento de **8%** (2018) para **9%** em 2019.

6. Conclusões e Recomendações

Como primeira conclusão, destaca-se que **dos/as jovens que estiveram ou estão numa relação de intimidade, 58% reporta algum dos indicadores de violência no namoro analisados neste estudo.**

Em segundo lugar, importa realçar que **67% do total de jovens aceita como natural pelo menos uma das formas de violência na intimidade.** A normalização das situações descritas indica uma elevada legitimação social da violência nas relações de intimidade entre os/as jovens. Salienta-se que esta **legitimação é ainda mais elevada nos/as jovens que reportaram alguns dos indicadores de vitimação (75%).** Esta elevada legitimação por parte daqueles/as que reportaram já terem sido vítimas de algum dos comportamentos explorados, salienta a importância de continuar a investir na prevenção e também em estudos mais detalhados no que diz respeito à relação entre vitimação e legitimação da violência.

A partir destes resultados, compreende-se que a violência no namoro está presente quer pela experiência vivida nos relacionamentos íntimos — com a vitimação entre 11% (violência física) e 34% (violência psicológica) - quer pela legitimação e naturalização destes comportamentos, em que os dados se situam entre 9% (que legitimam comportamentos de violência física) e 27% (que legitimam comportamentos de controlo).

Pode também concluir-se que a naturalização da violência é maior nos rapazes em todas as formas de violência estudadas. Em relação à violência sexual, a diferença entre rapazes e raparigas é significativa, uma vez que a legitimação destes comportamentos, pelos rapazes é de 34% e, pelas raparigas, de 15%. Os comportamentos de controlo apresentam-se como os mais legitimados, por jovens de ambos os sexos (27%), sendo a proibição de vestir determinadas peças de roupa o comportamento mais legitimado (36% dos/as jovens).

A violência nas redes sociais, enquanto dimensão (relativamente) nova nas relações de intimidade, mostra resultados alarmantes, tanto na legitimação 23% - quase um quarto de jovens – considera normal esta forma de agir no namoro; como na vitimação (21%).

A perseguição compreende um conjunto de comportamentos que é legitimado tanto por rapazes (33%), como por raparigas (17%). Esta legitimação pode advir do facto de, na nossa cultura, estes comportamentos não serem considerados violência (apesar de já criminalizados) e serem muitas vezes romantizados, sendo, portanto, um assunto que deve ser refletido pelas pessoas que têm a responsabilidade da educação dos/as jovens.

Através da comparação com os dados do Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro de 2018, podemos observar que relativamente à vitimação existe um aumento em todas as formas de violência, sendo que praticamente todas ascendem quase dobro no ano 2019. Esta maior representação dos indicadores de vitimação no presente ano poderão significar que as estratégias de sensibilização e prevenção para o que são relações de namoro saudáveis e não saudáveis deverão permanecer como prioridade. No que diz respeito à legitimação, comparando os dados com o ano anterior, quatro dos seis indicadores analisados tiveram uma redução (controlo, perseguição, violência sexual e violência através das redes sociais), o que reforça o caráter efetivo das estratégias de prevenção adotadas.

Assim, permanece a necessidade e a urgência de uma intervenção com os/as jovens, o mais precoce e continuamente possível, no sentido de prevenir a violência sob todas as formas.

Finalmente, é pertinente referir que não podem desvalorizar-se quaisquer formas de violência, já que estas têm repercussões a vários níveis para os/as jovens; e que desconstruir a normalização/legitimação destes comportamentos será minimizar a probabilidade de jovens se manterem em relações violentas e promover relações pautadas pelo respeito e igualdade.

Estes resultados revelam-se importantes para educadores/as, docentes, pais, mães, encarregados/as de educação e para a sociedade em geral, particularmente porque nos indicam o panorama real da situação portuguesa no que à violência no namoro diz respeito; mostrando a necessidade de prevenção primária a este nível.

Para mais informações:

art.themis.umar@gmail.com